

# EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

SENHOR FICA CONNOSCO, porque a noite vem  
e o dia já está avançado...

(Lc 24,29)



Tema de Estudo

1ª Edição – Setembro 2003

# ÍNDICE

Introdução **3**

1ª Reunião

O tempo do desprendimento e das novas opções **7**

2ª Reunião

A vida quotidiana em casal **13**

3ª Reunião

Uma só carne **19**

4ª Reunião

Comunhão espiritual dos esposos **25**

5ª Reunião

Na encruzilhada das gerações **31**

6ª Reunião

O nosso lugar na sociedade **37**

7ª Reunião

O nosso serviço na Igreja **43**

8ª Reunião

A nossa Esperança **51**

Oração: Senhor ensina-me a envelhecer **59**

## INTRODUÇÃO

Este tema de estudo destina-se às Equipas de Nossa Senhora, estando especialmente vocacionado para os casais que se reformaram e que atingiram o tempo de desprendimento e de novas opções; oferece-lhes assim um tema para um ano de reflexão em casal e em equipa. O Movimento das Equipas de Nossa Senhora quer, com efeito ajudar os casais de qualquer idade a progredirem na Santidade do matrimónio cristão.

Na Supraregião de Portugal não havia nenhum tema especialmente preparado para os casais reformados e para viúvos (as), apesar dos muitos pedidos de algumas equipas que pretendiam reflectir sobre temas mais adequados à etapa da vida que os seus casais estão a viver. Depois de algumas diligências, conseguiu-se obter este tema, elaborado por uma equipa belga há já alguns anos e recentemente actualizado, cabendo-nos apenas fazer a tradução e introduzir pequenos ajustamentos.

*"A vida conjugal também é desafiada a ser uma **vida em crescimento**, desde o primeiro momento da sua existência até ao seu último suspiro."*

João Paulo II

Cada vida é feita de etapas sucessivas. Se "*qualquer tentativa de isolar um período determinado da existência tem qualquer coisa de arbitrário*" (Romano Guardini, as idades da vida), justifica-se, no entanto, que haja um certo critério. Cada fase tem o seu próprio rosto e está separada da seguinte por uma "*crise*" bem definida. O esquema duma vida completa seria, grosso modo, o seguinte: a **vida intra-uterina**, o **nascimento**, a **infância**, a **puberdade**, a **adolescência**, a **experiência da realidade**, a **idade adulta**, a

***tomada de consciência dos limites, a maturidade, o tempo do desprendimento, a velhice, a morte...***

No âmbito de certas fases, podem ainda fazer-se subdivisões; pode também haver cruzamentos entre estas fases. É possível que uma fase, que deveria estar resolvida, se mantenha, apesar de já ter chegado o momento de passar à seguinte, ou que uma fase esteja de tal forma dependente da seguinte que não possa desenvolver-se conforme o seu carácter próprio.

O casal participa na evolução e nas fases sucessivas da vida conjugal. Tem também a sua história e o seu desenvolvimento: namoro e compromisso de casamento; lenta construção do casal, tanto no fervor amoroso, como nas dificuldades de ajustamento das personalidades; nascimento e educação dos filhos; alegrias e preocupações da paternidade e da maternidade ou provações do casal sem filhos; solidariedade dos cônjuges nos seus compromissos respectivos, referentes à vida familiar, profissional, social, eclesial...; entreaajuda espiritual e material, que deverá tornar-se mais forte quando ficamos os dois sózinhos e as forças físicas vão diminuindo; viuvez e aprendizagem da solidão<sup>1</sup>; reencontro em Cristo ressuscitado.

A fase que nos ocupa é a da Terceira Idade. Pode chamar-se-lhe de outra maneira: outono da vida, o tempo de esperança, a idade da reforma, a da sabedoria e discernimento.

A nossa exposição articula-se à volta de dois polos:

- 1 - Tomar consciência dos limites inerentes à nossa idade e próprias a cada um dos cônjuges. Abrir os olhos sobre a realidade.

---

<sup>1</sup> Não tratamos explicitamente neste tema o caso dos viúvos (as) recasados; formam um novo casal a quem se aplica tudo o que se diz para os cônjuges.

2 - Descobrir os apelos do Senhor para viver mais intensamente possível o momento presente; na fé, na esperança e na caridade, na nossa vida tal como ela é e nos é dada.

No princípio de cada capítulo são propostos textos de meditação (Palavra de Deus, que deve ser utilizada para a oração da reunião de equipa, e uma oração litúrgica) relacionados com o tema tratado, para ajudar a nossa reflexão e a oração ao longo do mês.

As questões apresentadas ao longo do texto procuram interpelar-nos pessoalmente e em casal; podemos utilizá-las, por exemplo, no "*dever de se sentar*". Na reunião de equipa, poderão ser retomadas duas ou três questões mais importantes.

Agradecemos vivamente às equipas e a todos os seus membros que nos queiram ajudar com os seus comentários e as suas sugestões após o estudo deste tema (que sabemos ter algumas imperfeições) para se proceder às indispensáveis correcções. As vossas reflexões serão sempre bem-vindas...

Cada equipa poderá, evidentemente, escolher o seu ritmo de trabalho, saltar um capítulo ou então estender a sua reflexão sobre um deles por várias reuniões.

A Equipa Supraregional  
Setembro 2003

*"A entrada na terceira idade deve ser encarada como um privilégio: não só porque nem toda a gente tem a sorte de atingir esta etapa, mas também e sobretudo porque é a altura em que é concretamente possível examinar melhor o passado, conhecer melhor e viver intensamente o mistério pascal, tornar-se um exemplo na Igreja para todo o povo de Deus... Apesar da complexidade dos problemas a resolver, da diminuição progressiva das forças, apesar da insuficiência dos organismos sociais, da lentidão da legislação oficial, das incompreensões duma sociedade egoísta, não estais nem vos deveis julgar à margem da vida da Igreja, nem elementos passivos dum mundo que avança demasiado depressa, mas sujeitos activos dum período humanamente e espiritualmente fecundo da existência humana. Tendes ainda uma missão a cumprir, uma contribuição a dar. Segundo o desígnio de Deus, cada ser humano é uma vida em crescimento, desde o primeiro momento da sua existência até ao seu último suspiro".*

*(João Paulo II, discurso a grupos de Terceira Idade de Dioceses italianas, 23 de Março 1984. Retomado na Exortação Apostólica Christifideles Laici, artº 48)*

**Primeira  
Reunião**

6

**O TEMPO DO DESPRENDIMENTO**

# E DAS NOVAS OPÇÕES

## I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

### Palavra de Deus: Lc 21,29-36

Este Evangelho deve ser utilizado para a oração em equipa

*E Jesus contou uma parábola: "Olhai a figueira e todas as árvores. Vendo que elas começam a lançar rebentos, sabeis que o Verão está perto. Também quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o Reino de Deus está perto. Garanto-vos: tudo isto vai acontecer, antes que passe esta geração. O céu e a terra desaparecerão mas as Minhas palavras não desaparecerão. Tomai cuidado, para que os vossos corações não fiquem insensíveis por causa da gula, da embriagues e das preocupações da vida, e esse dia não caia de repente sobre vós. Pois esse dia cairá, subitamente, sobre todos aqueles que habitam a face de toda a terra.*

*Ficai atentos e rezai continuamente, afim de terdes força para escapar de tudo o que deve acontecer e para ficardes de pé diante do Filho do Homem."*

### Oração Litúrgia

SALMO 33 (34)

Vou bendizer a Javé em todo o tempo,  
o Seu louvor estará sempre na minha boca.

Eu orgulho-me por causa de Javé:  
Que os pobres ouçam e se alegrem.

Repeti comigo: Javé é grande!  
Juntos exaltemos o Seu nome.  
Consultei a Javé, e Ele me respondeu,  
e me livrou de todos os temores

Olhai para Ele e sereis felizes  
o vosso rosto não ficará envergonhado.  
Este pobre gritou, Javé ouviu-o,  
e salvou-o de todas as dificuldades.

## II – TEMA DE ESTUDO

## Preâmbulo

Nesta etapa da nossa vida, situamo-nos na charneira entre um passado por vezes muito activo e um futuro diferente; somos chamados a desprender-nos, mas talvez também a comprometer-nos de outra maneira; estas novas opções exigem um discernimento exacto para rever a nossa escola de valores e aprofundar a nossa vida espiritual.

Esta fase deve, pois, ser o tempo do desprendimento e, nomeadamente, tempo de encontro dum novo equilíbrio. Os filhos saíram de casa; inserem-se à sua maneira na sociedade, normalmente para constituírem um lar. A idade da reforma põe fim às actividades profissionais mais prementes.

Como gerir, daqui em diante, só e, a dois, este tempo que se tornou mais disponível? **O diálogo em casal e a afectividade** são mais do que nunca necessários para pensar, **descobrir e viver bem, a dois, este período da vida.**

### 1. Recordar o passado

Conscientemente ou não, somos marcados por tudo o que vivemos, não só depois do casamento, mas também desde a nossa infância. A nossa história, vista a uma certa distância, revela correlações e conexões que não eram perceptíveis no momento em que se deram. Cada vez mais podemos descobrir a nossa vida como que ordenada à volta de certos factos, de certos valores, de certos encontros. Podemos em tudo isso assinalar traços da presença de Deus. Este passado, devemos assumí-lo tal como foi e nos marcou. O tempo é irreversível; ninguém pode recomeçar uma parte da sua vida.



Nesta "*memória do passado*" somos marcados pela positiva e pela negativa: provações e alegrias, ambições insatisfeitas e felicidades profundas, decisões boas e más, fraquezas e recuperações, insucessos e triunfos, tempos de rotina e tempos de fervor, tempo de solidão e tempo de comunhão, recordações dolorosas e outras que gostamos de lembrar...

Para assumir este passado de forma construtiva, podemos interrogarmo-nos:

- O que é que, no passado, continua a marcar-me mais? Pela positiva? Pela negativa?
- Quais são as diligências que o Senhor nos convida a fazer hoje? Aceitar o apagamento duma certa imagem pessoal e tomar em conta as nossas novas responsabilidades? Decidirmo-nos a um esforço de verdade e de lucidez que pode conduzir a atitudes de perdão e de abertura aos outros? Aceitar a ajuda dos outros e pedi-la com mais simplicidade? Centrar, sobretudo, a oração no louvor, na intercessão e no reconhecimento, na confiança e na esperança?

É difícil viver o dia a dia que Deus nos dá se continuarmos a debruçarmo-nos sobre acontecimentos que nos feriram e podem paralisar-nos. Reconhecer a acção a tomar (mesmo se esta, no concreto, depender de circunstâncias oportunas e tenha uma certa duração) coloca-nos diante de Deus, diante do nosso cônjuge e diante dos outros numa atitude de verdade. Deus junta-se a nós nas nossas decisões e na nossa vida; ele concede-nos que assumamos o nosso passado em paz e vivamos o nosso dia a dia com coragem e confiança. O diálogo e a entreatura no casal podem ser, neste caso, particularmente úteis: o nosso cônjuge, por vezes, conhece-nos melhor do que nós próprios.

## **2. Viver o dia a dia que Deus nos dá**

Uma certeza acompanha toda a vida do cristão: nada nos pode bloquear, quaisquer que tenham sido os nossos passos em falso. Deus está sempre perto de nós para nos agarrar; convida-nos sem cessar a progredir, mas pede que o acolhamos, em plena liberdade.

*"O homem de fé está longe de fazer sempre avanços triunfais, mas não capitula. Acredita. Isso é tudo. Acredita que o que a vida lhe pede; Deus o pede e dá o necessário para o realizar"* (André Sève, *Le Centurion, Paris*). Mas quando a vida se mostra difícil, *"então, que vontade de nos evadirmos para o sonho. Se eu fôsse... mais novo, se tivesse mais saúde, se os outros não fôsem o que são, se..."* Mas que erro! Logo que o detectarmos, devemos reagir violentemente, como perante uma coisa vergonhosa e perigosa, uma traição para com a realidade e, portanto, para com Deus. Ele não está nos sonhos vãos. Esta minha vida tal como ela é, nas minhas relações mais ou menos felizes, na minha situação mais complicada ou demasiado calma, nos meus problemas graves de saúde ou de dinheiro; é então e só então que posso viver algo de muito intenso, mesmo extraordinário... (A. Sève, -id-).

Mas é preciso detectar estes apelos de Deus na nossa vida. As nossas responsabilidades passadas, as nossas funções, talvez, nos tenham levado a privilegiar a acção em detrimento da reflexão e da oração, mesmo vivendo diferentes personagens.

Terei o ouvido suficientemente apurado para perceber estes valores *"personalizantes"*?

Estamos prontos a *"escutar"* novos apelos do Senhor? Será que Ele nos chama a uma maior intimidade com Ele? Como conciliar:

- o lugar dado à oração, à vida interior, ao aprofundamento da fé, à contemplação?
- o desejo legítimo de nos realizarmos em assuntos negligenciados por falta de tempo (cultura profana e religiosa, viagens, encontros de amizade, hobby...)?
- o progresso e por vezes a salvaguarda da "dimensão casal" nas novas opções que temos de fazer?

Estas novas opções são para discernir e os temas que se seguem vão ajudar-nos a isso. Teremos possivelmente decisões a tomar que se ajustem o melhor possível a este desejo de progresso no amor que Deus tem por nós. Isto é impossível sem uma oração mais intensa, sem uma escuta continuada da Palavra de Deus, sem viver da Eucaristia. A nossa disponibilidade para os outros é também uma probabilidade de O encontrar.

Será ocasião de rever a nossa regra de vida, de lhe consagrar troca de impressões em casal, de fazer "*dever de se sentar*". Esta fase da vida assumida positivamente é uma nova ocasião de viver com mais alegria, porque Deus quer que sejamos felizes, certamente depois da nossa morte, mas já na nossa vida de todos os dias.

Nesta perspectiva é necessário aceitar as renúncias impostas pela idade, interpretar os acontecimentos que podem magoar-nos e, ao mesmo tempo, cultivar a Esperança. Há que encarar isto como um convite para aprofundar o mistério da morte e ressurreição de Cristo e nelas participar mais plenamente. Alegre ou doloroso, é Deus que nos dá o nosso dia a dia, para viver com a Sua graça. Na fé, temos a certeza de que Deus nos convida a criarmo-nos cada dia, e que quer sempre fazer-nos crescer no seu Amor.

Mesmo se nos tornámos mais sensíveis a uma espiritualidade do inesperado, viver o nosso dia a dia implica também preparar o amanhã. Viver o dia de hoje não implica negligência. Acontecimentos fortuitos podem surgir bruscamente e não devem coagir-nos. Por vezes, há decisões que devem tomar-se a tempo para evitar surpresas. No entanto, a preocupação do "amanhã" não deve paralisar-nos nem impedir-nos de viver plenamente o "hoje" tal como Deus no-lo dá.

*«O amor é o único clima em que pode nascer e desenvolver-se esta qualidade de alegria de que Jesus fala no extraordinário texto de S. João (15,7 a 17): "Para que a minha alegria esteja em vós, amai!" Esta ligação entre a alegria e o amor é um dos pontos altos da Revelação» (A. Sève).*

I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

**Palavra de Deus: Jo 13, 1-15**

*"Antes da festa da Páscoa, Jesus sabia que tinha chegado a Sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, o demónio já tinha posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projecto de traír Jesus. Jesus sabia que o Pai tinha colocado tudo nas Suas mãos. Sabia também que tinha saído de junto de Deus e que voltava para Deus. Então, Jesus levantou-se da mesa, tirou o manto, pegou numa toalha e atou-a à cintura. Deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que tinha à cintura.*

*Chegou a vez de Simão Pedro. Este disse: "Senhor, Tu vais lavar-me os pés?" Jesus respondeu: "O que estou a fazer não o podes compreender agora. Compreendê-lo-ás mais tarde". Pedro disse: "Tu nunca vais lavar-me os pés". Jesus respondeu-lhe: "Se eu não a lavar, não terás parte comigo". Simão Pedro disse: "Senhor, então podes lavar não só os meus pés, mas até as mãos e a cabeça". Jesus respondeu-lhe: "Quem já tomou banho, só precisa de lavar os pés, porque está todo limpo. Vós também estais limpos, mas nem todos" Jesus sabia quem o iria traír; por isso, é que Ele disse: "nem todos estais limpos".*

*Depois de lavar os pés aos discípulos. Jesus vestiu o manto, sentou-se de novo e perguntou: "Compredestes o que acabei de fazer? Vós dizeis que Eu sou o Mestre e o Senhor. E tendes razão porque o sou. Pois bem: Eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei-vos os pés; por isso, vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo: vós deveis fazer a mesma coisa que Eu fiz."*

## **Oração Litúrgica**

SALMO 22(23)

Javé é o meu pastor

Nada me falta.

Em verdes pastagens me faz repousar;

para fontes tranquilas me conduz,

e restaura as minhas forças.

Ele me guia por bons caminhos,

por causa do seu nome.

Embora eu caminhe por um vale tenebroso,

nenhum mal temerei, pois estás junto a mim,

o Teu bastão e o Teu cajado deixam-me tranquilo.

Diante de mim preparas a mesa,

à frente dos meus opressores;

unges a minha cabeça com óleo,

e a minha taça transborda

Sim, felicidade e amor me acompanham

todos os dias da minha vida.

A minha morada é a casa de Javé,

por dias sem fim.

## **II – TEMA DE ESTUDO**

### **Preâmbulo**

Este tema de reflexão pode ser doloroso para aqueles que já não têm o seu cônjuge. No entanto, a sua experiência traz muito aos casais, porque eles vivem, pela sua fidelidade, um amor que, de certa maneira, já encontrou a sua realização em Deus.

No outono da vida, o viúvo ou a viúva devem igualmente repensar as suas condições de vida e fazer as opções em função das circunstâncias e dos apelos recebidos. Mesmo com o apoio dos amigos, família e elementos

da sua equipa, aquele que vive só é levado a gerir a sua vida sózinho, humanamente falando. Mas, na fé, sabe que pode apoiar-se na ajuda do cônjuge e que o seu amor conjugal continua.

A viuvez diz respeito a todos nós: faz parte da vocação humana do casal, salvo raras excepções. Sem nos bloquearmos sobre o que o amanhã nos reserva, o que vivemos hoje vai igualmente colorir a última parte da vida daquele que ficará só, a qualidade e delicadeza da nossa atenção ao outro e do nosso amor conjugal, a maneira como dialogámos e partilhámos os nossos fardos, mas também os tempos fortes humanos e espirituais, as recordações felizes, enfim, uma vida vivida a dois...

O estilo da nossa vida, a gestão do nosso tempo, a estrutura dos nossos dias, a nossa disponibilidade, as nossas actividades e os nossos descansos não terão de ser repensados? Falamos destes assuntos.

Por outro lado, não temos que nos comparar: cada um tem um itinerário pessoal e talentos que lhe são próprios, cada pessoa é única, cada casal é único.

## **1. O nosso diálogo entre esposos**

Depois da saída dos filhos e na idade da reforma, os conjugês ficam só os dois; é importante, desde logo, reflectir sobre o contexto quotidiano da sua vida. São, por vezes, os actos mais banais que, pela sua repetição, consstroem ou alteram a harmonia do casal, fortificam ou enfraquecem o amor. O nosso diálogo beneficia com esta maior proximidade. Devemos consagrar momentos privilegiados para falarmos do nosso amor, dos nossos problemas, dos nossos desejos ou dos nossos receios, e também da nossa vida espiritual.

Qual é a qualidade da nossa atenção ao outro? Somos capazes de gerir tempos de silêncio a dois? Suportamos ou aceitamos de bom grado as nossas diferenças; partilhamos mais as nossas reflexões, as nossas leitu-

ras, as nossas descobertas, os nossos centros de interesse, sabendo, ao mesmo tempo, "ouvir" e "falar"?

O estilo da nossa vida, a gestão do nosso tempo, a estrutura dos nossos dias, a nossa disponibilidade, as nossas actividades e os nossos descansos não terão de ser repensados? Falamos destes assuntos?

## **2 . Repartição das tarefas domésticas**

Em muitos casos, o que concretamente mudou, é a presença do marido em casa, quando muitas vezes a sua actividade e as suas responsabilidades se exerciam fora de casa; eis que se encontra em casa, em semi-disponibilidade, enquanto que a esposa geria normalmente sem partilha, o espaço e as tarefas domésticas. Assim a presença do marido pode modificar sensivelmente a ordem estabelecida. Impõem-se igualmente ajustamentos se a mulher continua a trabalhar fora de casa ou se os dois esposos cessam ao mesmo tempo as suas actividades profissionais. A saída dos filhos também alterou o volume e a natureza das tarefas domésticas.

Duas situações extremas e caricaturais: o marido, privado das suas actividades e responsabilidades profissionais quer dirigir um domínio até então reservado à mulher; achando que o marido não tem nada que fazer, esta pretende dispor do tempo e da pessoa do marido que põe ao seu serviço. Há que encontrar um novo equilíbrio no lar que permita aos esposos começar uma vida comum, partilhada e equilibrada, de que muitas vezes depende o futuro e a renovação do amor.

Por outro lado é normal que a mulher, tanto como o marido, possa beneficiar das vantagens da idade da reforma e possa libertar-se para actividades comuns e pessoais que a descontraíam.

Concretamente, pensámos nisso? E como se processa a repartição das tarefas domésticas no nosso lar? Entretanto, cada um reserva um espaço para si próprio?



Temos a preocupação, se esse fôr o caso, de nos libertarmos de trabalhos que podem ser feitos por outros? A nossa saúde ou o nosso cansaço podem impôr-nos limites nos trabalhos e executar; considerar como ponto de honra fazer tudo poderá ser uma tentação para alguns, com resultados negativos para a relação do casal.

### **3. A gestão financeira e patrimonial**

O momento da cessação das actividades profissionais implica muitas vezes uma modificação dos recursos do casal, passando, por vezes, pela necessidade dum capital cujos rendimentos devem assegurar uma parte da subsistência do casal. Donde a eventualidade de estarem mais preocupados do que antes com os problemas de gestão, de serem mais económicos, e noutros casos de gastarem mais facilmente. Como assegurar, neste contexto, uma boa administração dos recursos materiais do casal ou outros meios (habitação, mobiliário...)? Como harmonizar as diferentes sensibilidades dos cônjuges; quem vai decidir?

A redação dum bom testamento para evitar que o sobrevivente tenha problemas ou que haja tensões entre os filhos, é uma coisa a considerar.

Como conciliar o desejo de ajudar agora os nossos filhos com a vontade de não nos tornarmos mais tarde um peso para eles ou para a sociedade? Como assegurar uma forma de partilha com os desfavorecidos? Ter sempre presente a questão do desprendimento cristão e do espírito de pobreza.

### **4. A gestão do tempo livre**

Quando tudo corre bem, os trabalhos materiais e administrativos do lar, felizmente, não ocupam todo o tempo livre dos esposos. Há inúmeras actividades que se lhes oferecem. É necessário fazer uma escolha, em função de critérios bem definidos: As opções devem ser fruto duma reflexão a dois, duma decisão comum.

Deixamos de lado, as possibilidades de serviços que aparecem no interior da família alargada, na sociedade e na Igreja, que são objecto dos capítulos seguintes; referimo-nos aqui às actividades orientadas para os "conhecimentos" e vizinhança, em particular a escuta e o acolhimento; as actividades culturais e artísticas (reciclagem, universidade da 3ª idade, viagens...); actividades de descontração (desporto, turismo, férias de descanso, jogos de sociedade...); os hobbies (bricolagem, jardinagem, colecções, etc) ; sem esquecer uma revitalização religiosa.

Não devemos despertar talentos sub-utilizados ou desenvolvê-los de novo? Tal como o violino d'Ingres desprezado durante toda a vida activa não pode contribuir para o nosso desabrochamento, para o nosso equilíbrio e para o do nosso casal e da nossa família? Não poderá também permitir-nos levar aos outros as riquezas que trazemos em nós e que não pudemos pôr à sua disposição?

No nosso caso, será preferível que estas actividades sejam praticadas sobretudo a dois (marido e mulher) ou separadamente, cada um enriquecendo-se à custa do que o outro viveu num domínio que lhe é próprio? Aceitamos dar ao nosso cônjuge uma ajuda que lhe permita realizar as suas aspirações e projectos?

Que fazemos das nossas noites? Passamo-las habitualmente juntos ou separadamente? Que lugar ocupa nelas a televisão? Quem decide se se liga ou se desliga? Quem escolhe os programas?

Como organizamos os nossos fins-de-semana? E as nossas férias?

Que pensar desta reflexão?

*"No momento em que a sociedade contemporânea mobiliza as pessoas para que se mantenham jovens, a Igreja, na sua pastoral, é obrigada a convidá-las abertamente a tornarem-se jovens, isto é, a continuar até ao último sopro da sua vida terrena, a amar, a receber e a aprender com os outros, e a dar-se aos outros"* (Mons. Cox Huneens, Observatore Romano, 9 Março 1982).

I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

**Palavra de Deus: Mc 10,1-12**

*Jesus partiu dali para o território da Judeia, do outro lado do rio Jordão. As multidões reuniram-se de novo em torno de Jesus. E Ele, como de costume, ensinava-as. Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus. Queriam tentá-lo e perguntaram-Lhe se a lei permitia a um homem divorciar-se da sua mulher. Jesus perguntou: "O que é que Moisés vos mandou fazer?" Os fariseus responderam: "Moisés permitiu escrever uma certidão de divórcio e depois mandar a mulher embora". Jesus então disse: "Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés escreveu esse mandamento. Mas, desde o início da criação, Deus fê-los homem e mulher. Por isso o homem deixará pai e mãe, e os dois serão uma só carne. Portanto eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus uniu, o homem não o deve separar." Quando chegaram a casa, os discípulos fizeram de novo perguntas sobre o mesmo assunto. Jesus respondeu: "O homem que se divorciar de sua mulher e se casar com outra comete adultério contra a primeira mulher. E se a mulher se divorciar do seu marido e se casar com outro homem, comete adultério".*

**Oração Litúrgica**

SALMO 94

Vinde, exultemos em Javé,  
aclamemos o Rochedo que nos salva.  
Entremos com louvor na sua presença,  
vamos aclamá-lo com instrumentos.

Entraí, prostrai-vos e inclinai-vos,  
bendizendo a Javé que nos fez.  
Porque Ele é o nosso Deus,  
e nós somos o Seu povo  
o rebanho que Ele conduz.

Oxalá escuteis hoje o que Ele diz:  
"Não endureceis os vossos corações como aconteceu em Meriba  
Como no dia de Massa, no deserto,  
quando os vossos antepassados Me provocaram  
e tentaram, mesmo vendo as Minhas obras"

## II – TEMA DE ESTUDO

### Preâmbulo

Este tema aborda assuntos muito pessoais e íntimos, mas que não podem ser escamoteados numa reflexão geral sobre a vida dos cônjuges que atingiram a chamada "*terceira idade*".

Apesar disso, este tema pode ser objecto de troca de impressões em equipa, desde que sejam respeitadas as exigências de discrição e reserva próprias a estas questões; destina-se, sobretudo, a alimentar uma reflexão pessoal, a suscitar um diálogo em casal e a ajustar talvez as nossas decisões e comportamentos num ou noutro aspecto.

### 1. Este corpo que recebi e que me está confiado

"*Irmão burro*", para recordar o nome que S. Francisco dava ao corpo, é mais do que um instrumento de vida, de conhecimento e de relação. Sou "*eu*" na minha condição terrestre e frágil. Expressando o ponto de vista da fé cristã, S. Paulo diz-nos: "*Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?... Não sabeis que o vosso corpo é um templo do Espírito Santo?... Glorificai pois a Deus no vosso corpo... E Deus que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-à, também a nós, pelo seu poder*" (1 Cor 6, 15-20; 14). Devem ter sobre o nosso corpo e sobre o corpo do nosso cônjuge um olhar de respeito e de admiração que a fé nos dá. Ele participará na nossa ressurreição.

Por vezes, sem bem conhecer o nosso corpo, sujeitámo-lo a uma rude prova. Por outro lado, o envelhecimento é um fenómeno natural que começa bem mais cedo do que imaginamos. É normal que, depois de um tempo mais ou menos longo, o nosso corpo se transforme e mostre sinais de fadiga e de desgaste.

Olhar-se ao espelho pode ser cruel; no entanto, há verdades que precisamos de encarar.

A esperança média de vida continua a crescer nos nossos dias e, no que nos diz respeito, devemos conservar uma boa forma física durante tanto tempo quanto possível, adaptando-nos pessoalmente e reciprocamente às nossas limitações e desvantagens. Sabemos, por exemplo, que um estado habitual de fadiga física ou nervosa, é fonte de dificuldades e de tensões não só para nós como para os que nos rodeiam (susceptibilidades, impaciências, deixar andar, autoritarismo, agressividade, debruçar-se sobre si próprio, depressão).

Nunca é, pois, demasiado tarde para retomar ou tomar boas atitudes: alimentação racional, sono, horários regulares, higiene, relaxação, exercícios físicos e actividades desportivas adequadas, exames médicos a que alguns tentam esquivar-se... Uma boa manutenção do corpo fortifica-o.

Examinemo-nos lealmente a este respeito e peçamos a opinião e a ajuda do nosso cônjuge - por vezes ele é mais perspicaz do que nós próprios. Contemos também com a sua conivência activa para nos ajudar a cumprir as nossas boas resoluções, por vezes difíceis de manter. O nosso cônjuge não é o primeiro beneficiário deste tipo de ascese e de entreajudade?

Acessos de mal-estar ou doenças crónicas são capazes de, mais cedo ou mais tarde, reduzir as nossas capacidades. A sua descoberta pode ser traumatizante. Mais do que nunca, é-nos, então, preciso mobilizar a nossa vontade e por vezes mantermo-nos na incerteza e ter paciência.

Damo-nos conta do que o nosso cônjuge tem de suportar quando estamos cansados?

Como reagimos, tanto por nós próprios como em relação ao nosso cônjuge?

Será que me escuto demais? Estou para cometer imprudências? Preciso comunicar as minhas preocupações ao meu cônjuge?

É necessário coragem para aceitar certas "*incertezas*". Mas a paciência cristã não é passividade, nem recusa de lutar.

*"A verdadeira paciência cristã reconhece-se por dois sinais: agarra-se a Deus, mas para produzir, custe o que custar, alguma coisa... O primeiro fruto a produzir é a cura. A vontade de Deus é a primeira coisa... nós estamos com Ele quando travamos combates para nos curarmos: seguir correctamente um regime, fazer-se examinar a tempo, documentar-se sobre as terapêuticas, suportar o melhor possível os tratamentos dolorosos, aceitar uma operação, ver se se deve procurar a descontração ou manter rigor.*

*Tudo isto produzirá frutos de coragem, de paciência e de cura se fôr vivido na oração. Só aqueles que "falam" da oração sem verdadeiramente rezar é que continuam incuravelmente cépticos em relação a este assunto".* (A. Sève, O Gosto da Vida).

## **2. A vida afectiva dos esposos**

A vida afectiva e sexual dos cônjugues é, em muitos aspectos, o reflexo e a linguagem da união dos corações; é parte plena do sacramento do matrimónio.

A nossa idade não escapa à fragilidade neste campo: todos conhecemos "*casais em dificuldade*"; alguns desfazem-se depois da saída dos filhos.

O nosso psiquismo, a nossa inteligência, a nossa afectividade, os nossos comportamentos continuam a ser influenciados pelo facto de sermos homens e mulheres, e isto até à maturidade avançada e mesmo na velhice. Não somos insensíveis às solicitações apresentadas pelo meio ambiente cultural e publicitário que é o nosso.

Há uma outra fragilidade, mais escondida, mas real: a rotina; a vida comum..., os gestos... perdem o seu sentido profundo. Nós temos de ficar vigilantes perante o risco de um paralelismo cada vez mais afirmado das nossas vidas ou duma dependência que despersonaliza. Onde a importância de perseverar no diálogo, tanto escutando como ousando exprimir o que vivemos. Atenção às reacções reprimidas, aos silêncios forçados. Don-


de a utilidade por vezes de provocar rupturas com o quotidiano; donde a importância também de actividades comuns, de distrações organizadas em conjunto.

Se os gestos de ternura têm sempre de ser rejuvenecidos e dão ao outro ocasião de se exprimir ou de redescobrir a convivência do casal, com a idade os sentidos tornam-se menos exigentes. Mas a diminuição do desejo ou de prazer físico nem sempre é simultânea para os dois esposos, e isso pode ser causa de dificuldades: o que parece normal para um pode ser ascese ou frustração para o outro. Certas dificuldades podem resolver-se por conselhos judiciosos de ordem médica; é preciso ter a coragem de os pedir.

Encontrar, neste domínio, um novo equilíbrio é sempre delicado e exige tacto, franqueza e compreensão.

Não obstante o acto conjugal conservará sempre o seu significado de dom mútuo, como no início do casamento, se fôr vivido numa atitude de atenção ao outro. Continua a ser um meio de expressão tanto como de comunhão; alimenta e fortifica o amor; o prazer provocado e recebido exprime sempre a nossa vontade de felicidade para o outro; faz lembrar a nossa paternidade e a nossa maternidade que continuam à sua maneira; leva-nos a uma contínua fecundidade: as nossas tarefas e responsabilidades diversas, como marido e mulher. Tudo isto deve contribuir para a construção contínua do nosso casal conforme o projecto de Deus sobre o nosso casamento.

E mesmo se houver continência, quer ela se imponha por razões físicas ou de saúde, quer tenha sido livremente escolhida pelos esposos, uma intimidade e uma amizade profunda devem ser salvaguardadas. A continência baseada nestes motivos pode ser positiva desde que reforce os outros meios de manifestar a nossa ternura na vida corrente, e sirva também para aprofundar o sentido espiritual oculto dos acontecimentos. Pode também ser aceite ou "oferecida" na fé, em espírito de intercessão e de solidariedade com aqueles que, sendo-nos mais chegados, vivem situações difíceis neste domínio.



Nesta idade, a nossa vida afectiva e sexual ajuda a melhorar a relação do casal no dia a dia.

O que descobri e mais me interessou no tema apresentado?

*"O casamento é uma experiência espiritual e ascética fundada no amor de Cristo que disse que não há maior amor do que dar a vida por aqueles que amamos.*

*As próprias manifestações da sua ternura são para os esposos cristãos, penetrados deste amor que eles bebem no coração de Deus. E, se a fonte humana se arriscasse a secar, a sua fonte divina é tão inesgotável como as insondáveis profundezas da ternura de Deus " (Paulo VI, Discurso às ENS, 4 de Maio 1970).*



**Quarta  
Reunião**

**COMUNHÃO ESPIRITUAL DO CASAL**



## I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

### Palavra de Deus: Jo 15, 5 –17

*" Eu sou a videira e vós os ramos. Quem fica unido a Mim, e Eu a ele, dará muito fruto, porque sem Mim não podeis fazer nada. Quem não fica unido a Mim será lançado fora como um ramo, e secará. Esses ramos são juntados, lançados ao fogo e queimados. Se ficardes unidos a Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e ser-vos-à concedido. A Glória de Meu Pai manifesta-se quando dais muitos frutos e vos tornais Meus discípulos. Assim como Meu Pai Me amou, Eu também vos amei: permaneci no Meu amor. Se obedecéis aos Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor assim como eu obedeci aos mandamentos do Meu Pai e permaneço no Seu amor. "*

*Disse-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa.*

*" O Meu mandamento é este: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei. Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos. Sereis Meus amigos se fizerdes o que vos mando. Não vos chamo empregados, pois o empregado não sabe o que o patrão faz; chamo-vos amigos, porque vos comuniquei tudo o que ouvi a Meu Pai. "*

*" Não fostes vós que Me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi. Eu destinei-vos para irdes e dardes tudo e para que o vosso fruto permaneça. O Pai dar-vos-à tudo o que Lhe pedirdes em Meu nome. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros. "*

### **ORAÇÃO LITÚRGICA**

CÂNTICO (N 20, Tamié)

*Tu fizeste-nos para Ti, Senhor,  
e o nosso coração não repousa enquanto não permanecer em Ti*

1. Eu estou à porta e bato,  
se me abrires o teu coração farei em ti a minha morada.
2. Eu durmo mas o meu coração vigia  
Ouço o Senhor que me chama: "*Abre, meu amigo* "
3. Vou levar-te ao deserto e falar ao teu coração  
e tu responder-me-ás como na tua juventude.
4. Quando o Senhor nos falava no caminho, explicando as Escrituras  
o nosso coração não estava abrasado?
5. Vós estais tristes porque vou para casa do meu Pai,  
mas tornarei a ver-vos e nada vos poderá roubar a alegria.

## **II – TEMA DE ESTUDO**

### **Preâmbulo**

Temos de voltar a uma reflexão fundamental sobre a origem da espiritualidade.

*"É preciso não confundir a espiritualidade com uma evasão qualquer, um desvanecio mais ou menos poético, o refúgio num mundo idealizado onde se esquecem as realidades terrestres... A base da nossa espiritualidade cristã é: tomar consciência do amor de Deus, aceitar livremente a sua oferta, procurar um encontro cada mais íntimo com Ele, por Cristo e em Cristo "* (E. Stevens, A espiritualidade da pessoa idosa).

A nossa dependência em relação a Deus está inscrita no fundo de nós mesmos: somos objectos duma criação contínua. No plano natural, o meu ser é-me

dado a cada instante, quer eu queira ou não. "*Se me recolho em mim mesmo e sinto a vida que me anima, já encontrei o caminho da origem*".

"*O que Cristo nos pede é que tomemos consciência de que a vida em nós é a vida de Deus*" (Y. Raguin, La Source).

É conveniente recordar aqui um ponto fundamental de toda a doutrina espiritual: é preciso não ficar ao nível do afectivo... É preciso também não confundir espiritualidade e emoção espiritual. A verdadeira experiência espiritual não se procura em primeiro lugar ao nível do sentimento, muitas vezes emotivo. Isto seria "*bloquear o seu próprio progresso espiritual*". Mas a experiência espiritual pode recair sobre a sensibilidade. "*A afectividade dá então uma maravilhosa orquestração à experiência profunda*" (segundo Y. Raguin, La Source).

## **1. Casamento cristão - comunidade de vida e de amor em Cristo e por Cristo**

É notável que, através das Escrituras, Deus serve-se da imagem do marido e da mulher para nos dizer até que ponto "*Deus está apaixonado pelo homem*" (cf. Isaías 54,5 - 10; Oseias 2,16-22; o Cântico dos Cânticos, e no Novo Testamento, Jesus é apresentado como esposo de "*comunidade Igreja*" ).

"*Não só o casal humano traz em si desde a origem uma semelhança divina que a torna um mistério em relação a Cristo e à Igreja*" (Ef 5,32); mas, por este mesmo facto, traz em si a imagem do Deus vivo que é Pai, Filho e Espírito numa perfeita unidade... Se quisermos encontrar para o casal humano um modelo final do qual deve reproduzir analogicamente os traços, é portanto necessário remontar até à vida íntima do Deus tri-pessoal. (P. Grelot, o casal humano na Escritura)

Verificamos constantemente a nossa incapacidade de realizar este projecto de Deus por causa dos nossos limites humanos e do nosso pecado; temos tudo a esperar de Deus. A consciência da nossa incapacidade deve

ser acompanhada dum aumento de fé no poder do seu amor. Ele diz-nos: "*Vós, pois, sereis perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*" (Mt 5,48).

O Casamento é um caminho de felicidade e de santidade; a santidade não é senão a perfeição do amor. A união do homem e da mulher é um amor mútuo cheio dum outro amor. A felicidade conjugal é um grande presente de Deus. Segundo uma expressão do Padre Henri Caffarel, "*o casamento fala de Deus*": amor mútuo do homem e da mulher, união na carne, indissolubilidade, fecundidade, paternidade e maternidade, perdão e reconciliação, comunhão e dom recíproco das pessoas... O casal é um dos símbolos mais ricos para ilustrar a impaciência de Deus em fazer aliança com cada um dos seus filhos:

A intimidade de uma pessoa com Deus é sempre singular; isto pode ser desconcertante para o casal, mas o amor profundo que disso resulta impregna o amor conjugal; este aprende a amar o outro na vida de todos os dias com o mesmo amor mesmo de Deus.

## **2. Entrejuda espiritual**

Quanto mais cada um aprofundar a sua fé, maior será a nossa comunhão espiritual, tanto mais que é certo que a verdadeira comunhão se estabelece nas profundezas duma fé comum.

Isto leva-nos a pôr algumas questões:

- Acolhemos o nosso cônjuge tal como ele é, até mesmo nas suas fragilidades e nas provações que o marcaram? Como o ajudamos a integrá-las e ultrapassá-las?
- Temos a preocupação da santificação do nosso cônjuge, e da sua caminhada espiritual? Procuramos partilhar a nossa vida espiritual?

- Como nos esforçamos para ultrapassar as nossas diferenças de carácter moral e espiritual, de curiosidade intelectual, de aptidão para o diálogo, de sensibilidade religiosa?
- Acreditamos que o desígnio de Deus sobre o nosso lar passa pelas respostas de cada um a estes apelos? Temos consciência da relação pessoal que Deus tem com o nosso cônjuge? Que fazemos para respeitar esta relação e para a encorajar porque ela é o fundamento duma maior comunhão entre nós?
- Como é que aquele ou aquela que perdeu o cônjuge, realiza esta comunhão espiritual?
- Que lugar damos ao sacramento do perdão que cura as feridas e ajuda à reconciliação; à Eucarístia, o sacramento que realiza a comunhão? E como nos ajudamos a recebê-la?
- Rezamos em conjunto? Ainda temos dificuldade? Quais?
- Lemos em comum a Palavra de Deus e dizemos um ao outro o que ela nos inspira?
- Como vivemos o desprendimento e a ascese para estarmos mais disponíveis para Deus e para os outros?
- Mesmo tendo a preocupação de pôr em comum o que constitui a nossa vida profunda, confrontamo-nos com o mistério de cada um e com a impossibilidade de comunicar tudo. Não será necessário e normal uma certa solidão? Se sim, que fazer para respeitar a necessidade de solidão de cada um?

O casal mais idoso, porque tem uma maior experiência da vida, com as suas alegrias, as suas provações e os seus fracassos, porque está mais sensibilizado para as questões que se referem ao sentido da vida, à sua

origem e ao seu fim, porque pode consagrar mais tempo à meditação, encontrará sem dúvida respostas e elementos de reflexão que lhes são próprios e, sem dúvida, também, novas questões resultantes das reflexões ou das circunstâncias. A relação entre os cônjugues evolue com efeito ao longo dos anos e, com ela, a ajuda mútua que damos um ao outro no nosso caminho para Deus.

Homem e mulher foram criados simultaneamente à imagem de Deus. *"Na solidão do seu ser sexuado, o homem e a mulher continuam inacabados. Inconscientemente, têm no coração a outra parte da imagem de Deus"* (cf. A. Louf, Senhor, ensina-nos a rezar).



**Quinta  
Reunião**

**NA ENCRUZILHADA DAS GERAÇÕES**

## I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

### Palavra de Deus: Mt 1,1-25

*«Livro de origem de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão. Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacob, Jacob foi o pai de Judá e de seus irmãos... Jacob foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias.*

*Assim, as gerações desde Abraão até David são catorze; de David até ao exílio na Babilónia, catorze gerações; e do exílio na Babilónia até ao Messias, catorze gerações.*

*A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria Sua Mãe, estava prometida em casamento a José, e, antes de viverem juntos, Ela ficou grávida pela acção do Espírito Santo. José, Seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria e pensava em deixá-l'A, sem ninguém saber. Enquanto José pensava nisso o Anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e disse: "José, filho de David, não tenhas medo de receber Maria como esposa, porque Ela concebeu pela acção do Espírito Santo. Ela dará à luz um Filho, ao qual darás o nome de Jesus, pois Ele vai salvar o Seu povo dos seus pecados. Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: "Vede: a Virgem conceberá e dará à Luz um Filho. Ele será chamado Emanuel que quer dizer: Deus está connosco". Quando acordou, José fez conforme o Anjo do Senhor havia mandado: levou Maria para casa, e, sem ter relações com Ela, Maria deu à luz um Filho. E José deu-lhe o nome de Jesus».*

### Oração Litúrgica

SALMO 127 (128)

Feliz quem teme a Javé  
e anda nos Seus caminhos!  
Comerás do trabalho das tuas próprias mãos,  
tranquilo e feliz.  
A tua esposa será como vinha fecunda,  
na intimidade do teu lar.  
Os teus filhos, rebentos de oliveira,

ao redor da tua mesa.

Esta é a benção para o homem  
que teme Javé.

Que Javé te abençoe de Sião,  
e vejas a prosperidade de Jerusalém  
todos os dias da tua vida.

Que vejas os filhos dos teus filhos  
Paz sobre Israel!

## II – TEMA DE ESTUDO

### Preâmbulo

O aumento da esperança média de vida faz com que não seja raro que quatro gerações coexistam. A família alargada deveria ser um lugar de acolhimento e de troca de impressões em que se manifesta solidariedade entre as gerações, em que as pessoas se entreadjudam, se apoiam, se amam, mesmo que nem sempre tenham as mesmas ideias nem comportamentos idênticos.

Compete aos avós dar a sua contribuição para assegurarem este papel. Conscientes dos limites, mas também das disponibilidades inerentes à nossa idade, e procurando viver da melhor maneira o nosso amor conjugal e de pais, queremos assumir a dois e até ao fim, as nossas responsabilidades familiares. Queremos manter viva e calorosa a nossa relação familiar, transmitir e explicar os valores que para nós são importantes, **ser a memória da família.**

É bom que as jovens gerações conheçam as suas raízes; diversas reuniões e encontros de família podem ser muito enriquecedores neste aspecto. Mas este papel é delicado: discrição, intuição, convivência, paciência, adaptação sem compromisso, preocupação de ajudar e de lançar pontes...;



deve ser exercido no respeito da liberdade de cada um. Lembrar na oração os nossos filhos e netos, bem como os nossos próprios pais, é importante para nós; a paternidade e a maternidade não acabam nunca, tal como os laços filiais: "*Honrarás pai e mãe...*" Temos de concretizar estes deveres e compromissos na vida quotidiana. A família não é o nosso próximo mais chegado que Deus nos confiou especialmente?

## **1. Os nossos pais na sua velhice**

Alguns de nós ainda têm pais; talvez também parentes idosos, sem descendência (tio, tia, irmão ou irmã, mesmo primos ou primas) que contam connosco no seu isolamento, na sua fragilidade e vulnerabilidade, porque já não têm a possibilidade de se assumirem sózinhos. A entrada de um parente "*em dependência*" pode perturbar o nosso equilíbrio de vida e as nossas actividades num momento em que sentimos mais o peso da idade e em que os nossos filhos, com cargas familiares e profissionais acrescidas, podem mais frequentemente pedir a nossa ajuda.

Temos de fazer face a situações destas? Como se manifesta o nosso amor pelos nossos pais? Como acompanhá-los filialmente numa sociedade que relega facilmente "*os velhos*", para fora da família? Podemos fazer doutra maneira? Como ajudá-los a depender de nós sem que eles sofram? Que imagem damos aos nossos filhos da nossa solicitude para com os nossos pais idosos?

## **2. Os nossos filhos que se tornaram adultos**

Tem-se falado várias vezes do conflito de gerações e do "*muro*" de incompreensão que as separa. Mas isto não será excessivo e muitas vezes transitório?

Quando os filhos já adquiriram a sua personalidade, quando as incertezas àcerca da escolha de vida já foram ultrapassadas (instalação fora de casa, orientação profissional, criação dum novo lar), quando fazem por si próprios a aprendizagem da paternidade e da maternidade, as tensões que possam ter existido geralmente desaparecem e muitas vezes, para felicidade

de uns e outros, estabelecem-se novas relações, baseadas na confiança e no afecto e talvez até em perdões mútuos.

Sempre salvaguardando a legítima autonomia da nova célula familiar, que fazemos para estreitar os laços entre filhos, genros e noras, enteados e netos - escrever aos que estão longe, por exemplo, e promover uma verdadeira solidariedade fundada na alegria de se sentirem unidos, de terem vivido bons momentos em conjunto, de mutuamente se terem ajudado.

Deitemos um olhar verdadeiro sobre o nosso comportamento com cada um dos nossos filhos. Eles podem sofrer provações e fracassos (doença, problemas profissionais ou financeiros, sofrimento por não terem filhos, dificuldades na educação dos filhos, dificuldades na vida de casal).

A nossa casa está aberta a todos os filhos? Sonhamos em multiplicar as ocasiões de encontro e mesmo em passar parte das férias em conjunto? Ou tomar conta da casa e filhos para permitir aos pais que possam fazer uma "*segunda lua-de-mel*" benéfica para o casal? Mantemos laços de amizade com os sogros dos nossos filhos? Lembramos as dificuldades dos nossos filhos nas nossas orações?

E se verificarmos que existem falhas morais graves? E que fazer quando filhos casados se separam? Quais são as referências evangélicas que nos podem guiar? Como manter o contacto? Devemos falar ou calar-nos? E os filhos que ficam solteiros por circunstâncias diversas ou por escolha própria? Como nos comportarmos com eles? E se, eventualmente, vivem em casal, fora do casamento, qual é a nossa atitude para com eles e para com a companheira e para com os filhos que possam ter? Que valor damos ao factor "*tempo*" e à oração no que se refere à evolução religiosa dos nossos filhos e netos?

Tentando sempre compreender, sem julgar ninguém, devemos ser verdadeiros e mantermo-nos como artífices da esperança nos recursos imprevisíveis do casamento cristão: o que parece humanamente perdido pode não estar por efeito da "*graça de Deus*".

*"Em todo o caso, são precisos anos de paciência para saber como são os filhos; e a maior parte das vezes são bem diferentes daquilo que tínhamos imaginado... Isto é sobretudo verdade no que respeita à evolução religiosa que tínhamos sonhado para os nossos filhos. Muitas vezes parece decepcionante. E isto ainda que a fé recebida na família com os laços de sangue faça com que por vezes volte misteriosamente à superfície muito mais tarde quando já não esperávamos que tal acontecesse Deus nunca deixa de atender a paciência, a oração e as lágrimas dos pais; mas a maior parte das vezes não sabemos como e quando Ele as atende". (Card. G. Danneels)*

### **3. Os nossos netos que crescem rapidamente**

Pode haver situações muito diferenciadas de família para família: afastamento ou proximidade das residências; família numerosa ou tendo ainda só um filho; diversidade de idades; família onde os dois cônjuges trabalham ou em que só um trabalha; família muito unida ou desfeita...

São muitas vezes os pais que determinam à partida o tipo de relações entre os avós e os netos. Surgem ocasiões quando se pedem serviços (ficar com as crianças, ir buscá-las à escola, assegurar um apoio escolar...) mas muitas vezes também unicamente pelo prazer de estarem juntos: a presença, o tacto e a experiência dos avós são apreciados; a sua disponibilidade também, em especial, durante as férias escolares ou para "*desenrascar*".

A iniciativa pertence também aos avós, sobretudo se os pais têm dificuldades em pedir ajuda ou se habituaram a viver sem grandes relações com a família. A celebração de festas e aniversários pode facilitar essas relações sem cair numa institucionalização dos encontros, o que faria perder o encanto da espontaneidade. Excursões, actividades culturais oferecidas aos netos podem criar excelentes contactos.

Criam-se assim laços de afecto e de confiança que podem ser duma grande importância para os adolescentes quando eles quiserem dialogar

com os avós. Estes, não tendo já responsabilidade educativa directa, podem falar mais livremente, mais à vontade. O diálogo com os netos pode ser mais fácil porques mais afastado dos problemas quotidianos e daquilo que aos jovens pode parecer, em certos momentos, como incompreensões dos pais. Há uma idade em que muitos adolescentes se julgam incompreendidos, se sentem mal dentro da sua pele, mas em quem também se põem verdadeiras questões em relação ao que estão a viver. Sentirem-se acolhidos e escutados pelos avós, poderem eventualmente confiar-se a eles, contando com a sua discrição, ter avós capazes de partilhar os seus centros de interesse e os seus entusiasmos é uma oportunidade que muito apreciam.

Nas situações traumatizantes de casais em crise e de desunião dos pais, o afecto dos avós é insubstituível. A eles compete conseguir para os netos momentos de paz, de esperança e de segurança afectiva.

Podemos contribuir para o despertar da fé dos nossos netos, para a sua perseverança na prática religiosa?

O que fazer se os pais são indiferentes neste domínio?

Os avós não terão mais liberdade de intervenção quando os netos se tornam adolescentes, aptos a tomarem as suas próprias orientações de vida?

### I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

#### Palavra de Deus: Mt 25,14-30

*«Acontecerá como um homem que ía viajar para o estrangeiro. Chamando os seus empregados, entregou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e um ao terceiro: a cada qual de acordo com a própria capacidade. Em seguida viajou para o estrangeiro. O empregado que havia recebido cinco talentos saiu logo, trabalhou com eles e lucrou outros cinco. Do mesmo modo o que havia recebido dois lucrou outros dois. Mas aquele que havia recebido um só, saiu, cavou um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu patrão.*

*Depois de muito tempo, o patrão voltou e foi ajustar contas com os empregados. O empregado que havia recebido cinco talentos entregou-lhe mais cinco, dizendo: "Senhor, entregaste-me cinco talentos. Aqui estão mais cinco que lucrei". O patrão disse: "Muito bem, empregado bom e fiel! Como foste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da minha alegria". Chegou também o que havia recebido dois talentos e disse: "Senhor, entregaste-me dois talentos. Aqui estão mais dois que lucrei". O patrão disse: "Muito bem, empregado bom e fiel! Como foste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da minha alegria. Por fim, chegou aquele que havia recebido um talento e disse: "Senhor, eu sei que és um homem severo, pois colhes onde não plantaste e recolhes onde não semeaste. Por isso, fiquei com medo e escondi o teu talento na terra. Aqui tens o que te pertence". O patrão respondeu-lhe: "Empregado mau e preguiçoso! Sabias que eu colho onde não plantei e que recolho onde não semei. Então devias ter depositado o meu dinheiro no banco para que, no meu regresso, eu recebesse com juros o que me pertence". Em seguida o patrão ordenou: "Tirai-lhe o talento e dai-o ao que tem, dez. Porque, a todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância. Mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Quanto a este empregado inútil, lança-o lá fora, na escuridão. Ali haverá choro e ranger de dentes».*

## Oração Litúrgica

CÂNTICO (T 28)

Ide para as praças e para os adros,  
Ide para as praças procurar os meus amigos,  
Todos os meus filhos de luz que vivem na noite,  
Todos os filhos do meu Pai dele separados,  
Ide para as praças e sede minhas testemunhas diárias.

Ao sair desta terra deixei-vos uma mensagem de luz,  
Que fizeste dela?  
Quando vejo hoje os meus filhos revoltados,  
exasperados e dolorosos por terem chorado...

Ao sair desta terra dei-vos a justiça de meu Pai,  
Partilhaste-la?  
Quando vejo hoje os meus filhos que têm medo,  
sem amor, sem fé e sem honra...

Ao sair desta terra tinha-vos dito: amai-vos como irmãos.  
Obedecestes-me?  
Quando vejo hoje os meus filhos torturados,  
sem amigos, sem esperança, abandonados...

## II – TEMA DE ESTUDO

### Preâmbulo

No momento em que cessamos as nossas actividades profissionais e em que os filhos tomaram em suas mãos as suas vidas, o nosso lugar e o nosso papel no seio da família tornam-se bastante evidentes. Pelo contrário, o papel que poderemos ter a desempenhar na sociedade não é tão evidente e nem sempre é possível prolongar, duma forma ou doutra, a nossa actividade profissional.

*"A primeira missão do leigo: ...tornar presente o Espírito de Cristo no vosso lar, na vossa profissão, no vosso trabalho, na economia e na política, na cultura, na escola, nas instituições de solidariedade social e de saúde. Tudo isto é uma verdadeira colaboração na edificação da Igreja. E é vossa*

*tarefa específica este apostolado secular, no meio do mundo. Estar presente no mundo e na vida, para aí discernir aquilo que é conforme ao Evangelho e para o testemunhar, isto não é apenas um prelúdio à vinda do Reino de Deus. É já o Reino que está estabelecido, fundado... Nunca nenhum trabalho no interior da Igreja pode servir de alibi a uma negligência deste apostolado secular". (Card. G. Danneels, Mensagem de alegria).*

Nem sempre é fácil realizar isto na nossa idade.

A tentação duma atitude de "*antigos combatentes*" pode assaltar-nos: reviver o seu passado. Actualmente já se não recorre à "*sabedoria dos anciãos*", cuja experiência fica rapidamente desacreditada.

As nossas faculdades de reacção e de adaptação embotam-se enquanto que a história do nosso tempo se acelera. Para não perder uma imagem reconfortante de si próprio é então manifesto o desejo de se refugiar nas suas recordações, em vez de pôr a nossa experiência ao serviço da construção do futuro.

Alguns pensam que as ocupações no seio da família deveriam ser suficientes para preencher a sua vida na idade da reforma; outros julgam que as suas actividades devem continuar abertas à sociedade e que, em todo o caso, poderiam ocupar duma forma interessante uma parte do seu tempo disponível, prestando serviço; é necessário um esforço da nossa parte para continuarmos presentes no mundo de hoje. Porque se temos um grande desejo de que o mundo acolha e viva o projecto de Deus, quereremos tomar activamente a nossa parte de responsabilidades ou de iniciativas, em função das nossas possibilidades.

## **1. Orientações, prioridades e opções**

Numa óptica dum "*envelhecimento activo*" ao serviço da sociedade, temos de fazer opções.

Antes de nos comprometermos em novas actividades, reflectamos no equilíbrio necessário entre estes compromissos, a nossa vida de casal e a disponibilidade para os que nos rodeiam. Porque, tanto na nossa idade

como anteriormente, pode surgir a tentação de nos metermos em actividades tão absorventes, que marido e mulher se tornem desconhecidos um para o outro ou que um se sinta abandonado pelo outro. Um casal não é o somatório de duas pessoas. A comunidade conjugal não pode ser posta em perigo, mesmo por compromissos muito válidos e mais ainda se não são indispensáveis.

Quais são os critérios das nossas escolhas: os pedidos que nos fazem? Os nossos gostos pessoais, as nossas competências? A nossa satisfação por nos sentirmos ainda úteis?

O leque das actividades sociais, cívicas e políticas, culturais acessíveis a idosos é muito vasto. Há prioridades? O nosso casamento não nos habilita a uma responsabilidade particular no domínio do amor e das famílias?

Estamos atentos aos casos de solidão que nos rodeiam? Reservamos tempo livre para praticar largamente o acolhimento? Reatamos relações com velhos amigos? Temos tempo para manifestar a nossa opinião sobre os acontecimentos deste mundo? Estamos interessados na política?

Em definitivo, é diante de Deus que devemos tomar estas decisões, de comum acordo, e revê-las periodicamente. E não esqueçamos que a oração é uma maneira insubstituível de estarmos presentes e activos no mundo e que a Eucaristia, em particular, dá um valor de eternidade a todas as nossas actividades "*humanizantes*".

## **2. Mantermo-nos informados e continuarmo-nos a formar**

Como é que somos informados sobre a evolução do mundo que nos rodeia, agora tão próximo graças às telecomunicações por satélite? Quais são as nossas fontes habituais de informação: o jornal, a rádio, um ou outro canal de televisão, os periódicos e quais? Temos um espírito crítico em relação a essas fontes? Temos a preocupação, para assuntos importantes, de procurar a verdade e chegar até às fontes, já que a informação veiculada através dos média é, muitas vezes incompleta, parcial e nem sempre honesta. Como manifestar, com utilidade as nossas reacções?



Há uma grande confusão sobre os valores, as prioridades, as circunstâncias da vida, mas também sobre as funções sociais... predominância da afectividade e do emocional sobre o racional...

Para além da informação, que é muitas vezes instantânea e fragmentada, há que continuar a fazer formação, para se ficar com uma visão mais sistemática, melhor ordenada, menos dependente dos acasos da actualidade.

Esta formação contínua pode encontrar-se em organizações competentes, através dos seus livros, cursos ou conferências, em colóquios, diversos círculos de estudos, associações, clubes...

As universidades da 3<sup>o</sup> idade oferecem, a este respeito, novas possibilidades.

*"Já lá vai o tempo em que os idosos podiam ser considerados como seres passivos, dependentes e não se interessando por coisa alguma... Grande parte dos estudantes das universidades da 3<sup>a</sup> idade não querem ser simples consumidores de cultura. Querem tornar-se actores, no verdadeiro sentido da palavra: na idade da reforma, já não se trata de ser improdutivo, mas de entrar numa segunda carreira para ser activo, livremente e com o seu ritmo "* (Jacques Lefèvre, presidente da Associação Internacional das Universidades da terceira idade). Estas universidades querem também contribuir para dar um novo papel aos idosos, nomeadamente como trabalhadores independentes e geralmente voluntários ao serviço de associações diversas, de carácter socio-cultural ou filantrópicas. Temos, a este respeito, alguma experiência para partilhar?

Há também as pesquisas pessoais que podemos sempre fazer, e a experiência adquirida com a prática. As viagens proporcionam ao mesmo tempo desconstracção, mudança e abertura cultural para alargar a nossa visão do mundo.

## **2. Os nossos compromissos**

Quer se trate de acolhimento em sua casa ou dum compromisso fora de casa, de actividades pontuais ou regulares, de estudos ou de serviços

materiais, parece-nos importante para nós, que podemos ganhar distância, o seguinte:

- Favorecer a comunicação entre as pessoas, criar e desenvolver locais de encontro e de amizade, evitar que as pessoas se fechem em casa e percam a confiança, lançar pontes entre as gerações, entre pessoas do bairro, do prédio...
- encorajar a procura da verdade, favorecer a coerência das ideias e dos comportamentos, fazer reflectir nos verdadeiros valores, ajudar no discernimento a propósito das mudanças da sociedade;
- esclarecer o sentido profundo das coisas e dos acontecimentos, dar testemunhos da nossa esperança (o que é impossível ao homem é possível para Deus);
- desenvolver o sentido do belo em nós e à nossa volta, cultivar a admiração;

Se nos comprometemos em actividades de serviço, o que foi que nos motivou?

Encorajamo-nos mutuamente a levar essas actividades a bom termo ou pensamos afinal que isso é "*com ele (a)*"?

Concretamente, poderíamos dar exemplos que ilustrassem acções e compromissos nos aspectos considerados?

Tentamos, aprofundar o sentido da nossa missão de cristão no mundo?

E se já não estamos em condições de influenciar uma acção que vise reformas de estrutura, pelo menos podemos sempre rever o nosso próprio comportamento por ocasião dos nossos actos e gestos quotidianos, e oferecer a Deus este mundo que tantas vezes o ignora.

### I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

#### Palavra de Deus: MT 20, 1-16

*«De facto, o Reino do Céu é como um patrão que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia e mandou-os para a vinha. Às nove horas da manhã, o patrão saiu de novo. Viu outros que estavam desocupados na praça e disse-lhes: "Ide vós também para a minha vinha. Eu pagá-vos--ei o que for justo". E eles foram.*

*O patrão saiu de novo ao meio-dia e às três horas da tarde e fez a mesma coisa. Saindo outra vez pelas cinco horas da tarde, encontrou outros que estavam na praça e disse-lhes: "Porque estais aí o dia inteiro desocupados?" Eles responderam: "Porque ninguém nos contratou ". O patrão disse-lhes: "Ide vós também para a minha vinha".*

*Quando chegou a tarde, o patrão disse ao administrador: "Chama os trabalhadores e paga uma diária a todos. Começa pelos últimos e acaba nos primeiros". Chegaram aqueles que tinham sido contratados pelas cinco da tarde, e cada um recebeu uma moeda de prata. Em seguida, chegaram os que foram contratados primeiro, e pensavam que iam receber mais. No entanto, cada um deles recebeu também uma moeda de prata.*

Ao receberem o pagamento, começaram a resmungar contra o patrão: "Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu igualaste-os a nós, que suportámos o cansaço e o calor do dia inteiro!" E o patrão disse a um deles: "Amigo, eu não fui injusto contigo. Não combinámos uma moeda de prata? Toma o que é teu e volta para casa. Eu quero dar também a este, que foi contratado por último, o mesmo que te dei a ti. Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com ciúme por eu estar a ser generoso? Assim os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos ».

## Oração Litúrgica

### CÂNTICO

*O Espírito de Deus repousa sobre mim,  
O Espírito de Deus consagrou-me,  
O Espírito de Deus enviou-me  
a proclamar a paz, a alegria.*

1. O Espírito de Deus escolheu-me  
Para difundir o reino de Cristo entre as nações,  
Para proclamar a Boa Nova aos Pobres.  
Eu exulto de alegria em Deus, meu Salvador!
2. O Espírito de Deus escolheu-me  
Para difundir o reino de Cristo entre as nações,  
Para consolar os corações oprimidos com sofrimento.  
Eu exulto de alegria em Deus, meu Salvador!
3. O Espírito de Deus escolheu-me  
Para difundir o reino de Cristo entre as nações,  
Para acolher o Pobre que chora e que sofre.  
Eu exulto de alegria em Deus, meu Salvador!
4. O Espírito de Deus escolheu-me  
Para difundir o reino de Cristo entre as nações,  
Para anunciar a graça da libertação.  
Eu exulto de alegria em Deus, meu Salvador.
5. O Espírito de Deus escolheu-me  
Para difundir o reino de Cristo entre as nações,  
Para celebrar a sua Glória entre todos os povos.  
Eu exulto de alegria em Deus, meu Salvador

## II – TEMA DE ESTUDO

### Preâmbulo

Quando chega a idade da reforma, nem sempre é possível nem oportuno manter compromissos significativos na sociedade, nem eventualmente tomar novos compromissos; por outro lado, alguns podem sentir-se cha-

mados de preferência a prestar serviços na Igreja; esta continua a precisar de nós.

*"Porque ficais todo o dia sem trabalhar? É porque, dizem-lhe eles, ninguém nos contratou".* Ele diz-lhes: *"Ide vós também para a minha vinha"* (Mt 20, 6-7). Com efeito. *"não é permitido a ninguém ficar sem fazer nada"* (Exortação apostólica Christifideles laici, 3).

A Igreja é um caminho que Deus quer tomar para se juntar a nós. A sua natureza íntima é um mistério. Ao mesmo tempo, corpo místico e sociedade hierarquicamente organizada, a Igreja foi fundada por Cristo.

Baptizados e confirmados, todos somos chamados a viver na família de Deus e a tomar parte na missão que Lhe foi confiada, isto é, crer e confessar a nossa fé, celebrar o Senhor, viver do Evangelho, agindo como cristão.

Depois do nosso casamento é como baptizados casados que somos inseridos na vida e na missão da Igreja e que temos de assumir os compromissos decorrentes do nosso baptismo.

O casamento é uma vocação eclesial. Desde então construímos a Igreja esforçando-nos por construir o melhor possível e com perseverança essa **"pequena igreja doméstica" que é a família**. O mistério da Aliança deve ser-nos familiar: Cristo ama a Igreja como sua Esposa... Cada um de nós é convidado a amar o cônjuge **"como Cristo amou a Igreja"**, até ao último ponto; *"Ele entregou-se por ela..."* (Ef 5,21-33)

Viver bem o nosso casamento é, portanto, o nosso primeiro serviço de Igreja, capaz de manifestar, àquele que tem um olhar de fé, a fidelidade, o acolhimento, a humildade, o perdão, a generosidade de Deus. Os casais cristãos transmitem uma mensagem necessária à Igreja, apesar das suas dificuldades, fracassos, fraquezas...

O sacramento do matrimónio esclarece igualmente a vocação eclesial dos viúvos e viúvas. *"O amor é mais forte que a morte"* dá à Igreja um esclarecimento específico do mistério pascal.

## 1. Participar na missão da Igreja

Nos diversos locais de encontros: paróquia, movimentos, círculo familiar e de relações, vizinhança, devemos sentir o desejo de ajudar, de pacificar, de reconfortar, falando da nossa fé. Somos capazes de pronunciar aquela palavra de esperança que esperam, talvez de nós, aquele isolado inquieto, aquele doente, aquele casal em crise, aquele jovem em dificuldade pessoal ou familiar. Com os não crentes, os indiferentes, os que duvidam ou andam à procura do sentido da vida, os negligentes ou os revoltados... devemos suscitar o diálogo, partilhando com eles, com simplicidade, aquilo que procuramos viver e que nos faz felizes. *"A nossa atitude para com eles deve ser inspirada pelo espírito de diálogo e por um respeito incondicional pela pessoa, pela liberdade de consciência e pela obra secreta de Deus que guia os corações"* (Card. G. Danneels, Le Christ et le Verseau).

Que lugar reservamos à hospitalidade? Como tentamos, no respeito das convicções de cada um, dar a conhecer a "**Boa nova**" àqueles que a ela parecem ser impermeáveis?

Sentimos uma responsabilidade particular no domínio do casamento cristão? Temos ocasião de contactar com adolescentes e com jovens casais? Que podem esperar de nós? Podemos empreender qualquer coisa para ajudar certos casais em dificuldade? Como assegurar uma presença cristã a pessoas atingidas pela morte dum parente próximo? A Ressurreição está no centro da esperança cristã; temos por vezes ocasião de falar disso?

O número de padres continua a diminuir e o seu nível etário é cada vez mais elevado; estão muitas vezes sobrecarregados e por vezes esgotados. Alguns gostariam de partilhar mais as suas iniciativas e projectos com os leigos. Temos pensado num contacto ao mesmo tempo discreto e cordial, que poderia confortá-los, falando-lhes das nossas aspirações espirituais. Expressamos-lhes as nossas sugestões perante novas necessidades ou que nos parecem não estarem a ser satisfeitas? Dizemos-lhes obrigado por aquilo que são e por aquilo que fazem? Propomos-lhes os nossos serviços?

## 2. Como servir a Igreja?

Não serviremos bem a Igreja senão tendo sobre ela o olhar da fé e amando-a tal como é; participando nas suas festas de família: **a liturgia**; rezando por ela, pela sua unidade, pela sua santidade, para que cresça em caridade; tendo estima pelos seus pastores; preocupando-nos com os seus projectos para uma verdadeira "**nova evangelização**", com as dificuldades que tem, em particular o problema das vocações sacerdotais e religiosas, e a falta, cada vez mais frequente na geração a seguir à nossa, de gente que substitua e tome em suas mãos tarefas assumidas por leigos que são cada vez mais velhos.

Falamos disto aos nossos filhos e netos?

Temos a preocupação de oferecer à comunidade cristã um serviço de qualidade? Escutamos as mensagens dos bispos para melhor compreendermos os seus pensamentos e preocupações? Conhecemos as orientações importantes dadas pelo magistério da Igreja (ex. por ocasião dos diferentes sínodos) para estarmos mais a par da reflexão da Igreja universal e participar na sua acção?

Isto exige perseverança, pontualidade, competência; donde a necessidade de nos reciclarmos, de estarmos abertos à inovação.

## 3. Que serviços concretos?

As possibilidades são várias, enumeremos algumas:

a) **Tarefas materiais e administrativas**: são muitas vezes humildes, aparentemente pouco valorizadoras, mas indispensáveis para que uma nova comunidade cristã possa viver e exercer a sua missão. Dependem da "*espiritualidade do lava-pés*". Nas paróquias, nos movimentos e associações, estas tarefas não faltam: manutenção e gestão dos edifícios, contabilidade, secretariado, trabalhos domésticos, biscatos diversos...

b) **A animação litúrgica** e diversos **serviços pastorais** em comunhão mais directa com os padres;

*"Os diversos cargos e funções que os fiéis leigos podem legitimamente exercer na liturgia, na transcrição da fé e nas estruturas pastorais da Igreja devem ser desempenhados, em conformidade com a sua vocação laica específica, diferente da dos ministérios sagrados... O exercício duma tal função não faz dum fiel leigo um pastor: na realidade, o que constitui o ministério não é a actividade em si, mas a ordenação sacramental "* (João Paulo II, Exort. apost. *Christifideles laici*, 1988, 23). *"Os pastores devem ter a firme convicção de que o seu ministério ordenado ao serviço de todo o povo de Deus (cf. Heb. 5,1), e os fiéis leigos, por sua vez, devem reconhecer que o sacerdócio ministerial é absolutamente necessário para a sua vida na Igreja para a sua participação na missão da mesma "* (João Paulo II, id-22).

O "*diaconado permanente* " permite estar mais estreitamente ligado à responsabilidade pastoral do Bispo; mas esta vocação poderá ainda ser encarada por homens casados que atingiram a idade da reforma? O limite da idade, fixado nos 50 anos em certas dioceses, não permite aos reformados encontrarem aí um convite da Igreja para eles. Apesar disso, a questão poderia pôr-se.

O leque de possibilidades de serviço acessíveis aos leigos é muito largo: equipas litúrgicas com a preocupação da beleza das celebrações, ornamentação floral; formação e animação dos acólitos, leitura e distribuição da comunhão nas missas dominicais e aos doentes, preparação para o baptismo, para a confirmação, para a primeira comunhão e para o casamento, catequese de jovens e adultos, animação de grupos de oração e de aprofundamento da fé, acompanhamento espiritual nos hospitais, animação cristã dos locais de férias e, se fôr caso disso e de acordo com as normas estabelecidas, das assembleias dominicais sem padre...

A Igreja reconhece uma grande liberdade e possibilidade de acção e de iniciativa aos leigos; o que falta, na maior parte das vezes é vontade e imaginação!



c) **Participação nos conselhos pastorais e nos conselhos paroquiais...** Esta participação "*consultiva*" só é acessível a um reduzido número de leigos e, normalmente, mais novos, quando nós gostaríamos ainda de ter uma palavra a dizer. Mas devemos aproveitar as ocasiões que nos são oferecidas de dar conselhos e fazer sugestões por ocasião de consultas generalizadas, assembleias gerais da paróquia, reuniões diocesanas e interdioesanas, sessões e colóquios diversos.

O Concílio reconheceu explicitamente um direito de expressão aos leigos na Igreja: "*Na medida dos seus conhecimentos, das suas competências, e da sua situação, eles (os leigos) têm a faculdade e por vezes o dever de manifestar o seu sentimento no que se refere ao bem da Igreja*" (Constit. dogmática da Igreja, 37). Se se trata de coisas importantes, devemos dar a conhecer serenamente o nosso ponto de vista aos responsáveis eclesiais e não nos calarmos.

d) **Participação em movimentos de espiritualidade e/ou de compromisso apostólico.** Trata-se aqui de apostolado associativo, suscitado pela hierarquia ou por iniciativas privadas. A experiência e participação dos mais velhos podem ser desejáveis enrevelar-se fecundas para o acompanhamento de novas iniciativas. Alguns podem, no entanto, receber um novo apelo para o qual lhes é pedida uma resposta precisamente no momento em que se preparam para gozarem enfim "*um bem merecido repouso*".

Nas Equipas de Nossa Senhora, devemos esforçarmo-nos por fazer da nossa equipa uma verdadeira "*ecclesiola*", uma pequena Igreja, célula da grande Igreja.

É também uma maneira de construir Igreja o dar a conhecer os movimentos de espiritualidade conjugal a outros casais que serão assim ajudados a fazer do casal e da sua família uma "Igreja doméstica" que testemunhará o amor de Deus.

e) **Há**, enfim, e sobretudo, **a oração e a intercessão**. A oração, a Eucaristia, a oferenda ao Senhor do quotidiano da nossa vida, são

indispensáveis para apoiar todas as acções e são o essencial, que permanece mesmo quando toda a actividade pessoal se torna humanamente impossível.

Acontece-nos pedir à equipa conselho quando temos decisões importantes a tomar, quer se trate de tomar novos compromissos ou de renunciar a compromissos que temos?

Encontramos na equipa escuta, encorajamento e entreaajuda espiritual para os nossos compromissos de Igreja?

No nosso casal, os compromissos respectivos são plenamente aceites por um e por outro a assumimo-los com a preocupação duma verdadeira entreaajuda e comunhão?

**O Espírito sopra onde quer manifesta-se em todas as idades da vida.**



## A NOSSA ESPERANÇA

### I – TEXTO DE MEDITAÇÃO

#### Palavra de Deus: Mt 24, 42-44

*"Portanto, vigiai! Porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor. Compreendei bem isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, certamente, ficaria vigiando e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. Por isso, também vós deveis estar preparados, porque o Filho do Homem virá na hora em que menos esperardes."*

#### Oração Litúrgica

SALMO 125 (126)

Quando Javé mudou a sorte de Sião,  
parecia-nos sonhar:  
a nossa boca encheu-se de riso,  
e a nossa língua de canções.

Até entre as nações se comentava:  
"Javé foi grande com eles!"  
Sim, Javé foi grande connosco,  
e por isso estamos alegres.

Que Javé mude a nossa sorte,  
como as torrentes do Neguéb.  
Os que semeiam com lágrimas,  
ceifam no meio de canções.

Vão andando e chorando  
ao levar a semente.  
Ao regressar, voltam cantando,  
trazendo os seus peixes.

### II – TEMA DE ESTUDO

## Preâmbulo

A nossa sociedade está de tal forma desarmada perante a morte e o sofrimento que não se atreve a falar muito disso. Mas de há algum tempo para cá tem-se desenvolvido uma nova sensibilidade respeitante à ajuda aos moribundos e à sua família, os "*cuidados paliativos*"... Por outro lado, surgem novas questões tais como "direito à morte suave", a não obstinação terapêutica, a legalização possível da eutanásia directa... Somos proprietários da nossa vida, da nossa morte? E da dos outros? O nosso tema tem por fim sublinhar o sentido profundo da morte cristã; não tratará, portanto, destes assuntos da actualidade do ponto de vista da lei, e da sociedade.

Porque é que tantos cristãos têm tanto medo de pensar na morte? Porque põem tantas reticências em revelar a sua posição àqueles que vão morrer? Porque é que tantos casais escondem a verdade um ao outro, privando-se dum apoio mútuo num momento crucial da sua história de casal?

Para nós, cristãos, a morte não é o fim da vida, mas uma passagem para a vida definitiva em Deus. Ressuscitaremos todos, cada um pessoalmente: o amor de Deus é sério; ama-nos para sempre. Cremos nisto.

**«A fé na nossa ressurreição, depois da morte, está completamente ligada ao facto de o próprio Jesus ter ressuscitado.** *Paulo liga indissolivelmente a nossa ressurreição e a de Cristo uma à outra. Escreve aos Coríntios: "Ora, se nós pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou " (1 Co 15,12-13). E mais adiante: "Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primeiro fruto dos que morreram " (1 Co 15,20). No Evangelho de João, Jesus diz a Marta, a propósito de seu irmão Lázaro: "Eu sou a ressurreição. Quem acredita em Mim, mesmo que morra, viverá " (Jo 11,25).*

Mas com que corpo? Ressuscitaremos com o nosso corpo, porque ele faz parte da nossa pessoa. *"O amor de Deus toma-nos inteiramente em consideração: corpo e espírito... A ressurreição não é portanto uma reanimação...; ressuscitar, é entrar numa vida nova com tudo o que nós somos, incluindo o nosso corpo, para nunca mais morrer"* (Card. G. Danneels, Para lá da morte); *"O corpo espiritual - corpo impregnado do Espírito, da própria força de Deus - não é o corpo anterior reanimado; é uma nova criação. Mas continua a ser o nosso corpo..."* (Card. G. Danneels). *"Se é bem verdade que não pode haver ressurreição da carne sem o dom de Deus, que nos chama a partilhar a sua vida, este dom e este apelo implicam que nós nos construamos a nós mesmos por toda a nossa actividade e pela nossa vida presente"* (Fr. Varillon, Alegria de viver);

E o céu? Acima de tudo, Jesus fala de *"Ver a Deus, face a face"*: *"Sabemos que quando fôr esta manifestação (daquilo que seremos), seremos semelhantes a Ele, que O veremos tal qual é"* (1 Jo 3,2). Esta visão de Deus far-nos-à perceber plenamente quem Ele é e quem nós somos. Far-

-nos-à compreender que é verdadeiramente Ele quem satisfaz todos os nossos desejos de felicidade. Vê-lo-emos no interior da sua vida trinitária. Não se tratará só duma aproximação intelectual: esta visão deleitar-se-á no amor, na paz e na alegria. Introduzir-nos-á no seio do lar de amor que é o Pai, o Filho e o Espírito... Esta felicidade não será uma felicidade individual. Unidos a Deus, encontraremos também a mais profunda unidade com todos os outros, a comunhão dos santos. A felicidade do céu implica a união com Jesus Cristo, com os anjos e os santos, com a nossa família e os nossos amigos, com tudo o que Deus criou de belo e de verdadeiro em todo o universo.

Que acontece ao casal depois da morte dum dos cônjuges e na eternidade?

Fundamentando-se no ensinamento de Pio XII (discurso de 16/9/57 nas jornadas familiares internacionais), o Padre H. Caffarel escrevia: Depois da morte dum dos cônjuges, a ligação carnal já não existe, nem a ligação jurídica, nem também o sacramento do matrimónio que, como todos os

sacramentos, pertence à Igreja da terra. Estas realidades desaparecem, como os andaimes caem quando o edifício está terminado. Mas o casal, esse mantém-se. Se entretanto permanece o amor conjugal, alma do casal, que entre dois "*seres espirituais e livres*" transcende o impulso e a união dos corpos; e, na condição, evidentemente de que este amor seja mesmo dom recíproco, sempre actual porque não existe dom congelado nem também chama congelada. Os esposos poderão mesmo descobrir uma "*presença*" mútua, "*mais íntima, mais profunda, mais forte*", já no estado de viuvez. No dia do seu encontro na eternidade, amar-se-ão com uma perfeição de amor insuspeitável na terra, porque se conhecerão um ao outro numa total transparência ao Deus que veem, cada um, face a face. Então o casal tendo atingido a sua realização completa, alcançará plenamente a sua vocação: será enfim um louvor perfeito ao Deus criador que fez a união do homem e da mulher à sua imagem, e a Cristo salvador que não só a restabeleceu depois do pecado original mas a tornou ainda mais admirável, imagem e sacramento da sua união com a Igreja... Contemplar o destino eterno do amor conjugal não pode deixar de manter entre os esposos uma esperança invencível. Ela ajuda-os, dia após dia, no meio das alegrias e dores da sua existência terrestre. (Cf. Henri Caffarel, *Companheiros de eternidade* 7, na Carta das ENS Nov./Déc. 1987).

Para reflectir também dois textos litúrgicos que vão no mesmo sentido: "Quanto à permanência da ligação conjugal para além da morte, o Missal não é menos claro. Uma primeira colecta invoca a bondade de Deus para dois esposos defuntos: "*Pela fidelidade do seu amor conjugal, eles estiveram unidos na vida terrena; que eles o estejam para sempre na plenitude do teu amor*". Uma segunda colecta, bastante próxima da precedente, é usada após a morte dum dos cônjuges: "*Nós te pedimos, Senhor, acolhe com bondade o teu servo... e vem em ajuda da tua serva...: pela fidelidade do seu amor conjugal, eles estavam unidos na vida terrena; que eles o estejam para sempre na plenitude do teu amor.*" (Ph. Rouillard, *osb, Liturgia e Teologia do casamento, uma nova aproximação*).

O Cardeal Danneels dizia também aos jovens: "*creio que depois da minha morte, será ainda possível ouvir, ver e comunicar. Depois da morte de um parente próximo sentimos na mesma que podemos continuar a falar*

*com ele. Se acreditas que todas essas pessoas falecidas continuam a viver, vêm-te e preocupam-se contigo - e nisso já nada as pode incomodar - de repente aumentas a tua família e o número dos teus amigos, e sentes-te verdadeiramente em segurança na vida. Eles preocupam-se connosco: isto provoca um sentimento de calor, de segurança. Naturalmente, eles não podem fazer nada contra a nossa vontade, não podem impôr-se-nos. Basta que nos abramos a eles" (Card. G. Danneels, Quem é Deus para nós).*

Este laço entre os vivos e os mortos chama-se a "**comunhão dos santos**". Nós proclamamos a nossa fé neste mistério, todos os domingos no Credo da Missa. Há também uma prática secular da Igreja, de rezar pelos defuntos e de os ajudar através de boas obras e de ofertas.

Há um intervalo de tempo entre a nossa morte e o Juízo Final, a que Jesus se refere muitas vezes? A Igreja julga que o Juízo Final que acompanha a revelação gloriosa de Cristo, não coincide em tempo com a situação que se segue imediatamente à morte individual: são dois "*momentos*" a distinguir... Outra coisa seria falar dum tempo entre a morte e o Juízo Final...

Podemos dizer que depois da morte estaremos já ressuscitados, junto do Senhor, no Céu. Mas, do ponto de vista do nosso mundo temporal, não será ainda o último dia... Visto a partir da terra e da história, o tempo da salvação não terá ainda chegado, "*nem o balanço terá sido feito...*". (Card. G. Danneels, Para lá da morte).

Nós também ressuscitaremos, assim o acreditamos. Ninguém sabe como e quando morrerá: de repente ou depois de um longo caminho de sofrimento? Duma forma serena ou com angústia? Só ou acompanhado? O que nós acreditamos é que o Senhor estará junto de nós e que a morte permitirá a união decisiva e definitiva com Deus, para a qual fomos criados e da qual já experimentámos algumas primícias em certos momentos fortes da nossa vida espiritual. Hoje em dia estamos sempre a caminho; temos de viver o melhor possível o que o Senhor nos dá, num amor cada vez mais forte de Deus e dos outros, no desprendimento e na confiança." A

*vida de ressuscitado é já antecipada e preparada aqui*" (Card. G. Danneels).

## **1. Vias do desprendimento e da confiança em Deus**

Provações de vária natureza vão marcar-nos progressivamente; isto será um teste da autenticidade da nossa confiança em Deus e no outro.

Dependência e sentimento de insegurança: porque cada vez podemos contar menos apenas conosco, com as nossas próprias forças, para encarar as eventualidades da vida quotidiana ou um acontecimento imprevisto; porque as mudanças da sociedade e os progressos técnicos serão mais dificilmente assimilados; talvez, estejamos cada vez menos capazes de tratar dos nossos assuntos, de levar a bom termo determinadas tarefas domésticas ou outras, de nos deslocarmos, de cuidarmos de nós... Dependemos cada vez mais da boa vontade dos outros.

Sentimento de solidão: porque os nossos amigos envelhecem e progressivamente se afastam. As nossas ideias, crenças, sentimentos e hábitos são abandonados, mesmo dentro da Igreja. E, por fim, fica-se sempre humanamente só em face do sofrimento e da morte.

Incompreensão e sofrimento moral: cansados pelo sentimento de não poder partilhar certos valores morais nos quais tínhamos fundamentado a nossa vida; por uma certa incomunicabilidade da nossa vida profunda; pelos desvios, ou mesmo fracasso de empresas em que nos apoiávamos; pelo comportamento de alguns dos nossos parentes; pelo arrependimento pelos nossos fracassos, pelas nossas faltas, pelos nossos pecados.

Sufrimentos físicos: há males crónicos que já não podemos esperar ultrapassar; evoluções lentas que é possível travar, mas que não podem desaparecer; incapacidades que afectam o nosso amor-próprio.

Face a todas estas situações, é preciso reagir na nossa vida conjugal. A entreeajuda servirá para nos orientar no caminho da segurança e da cora-



gem, fazendo o possível para resolver a situação da melhor maneira, com os meios de que dispomos.

Para que haja entreaajuda é preciso também que haja comunicação. Dizer o que sofremos, é já sair do isolamento. Pode haver decisões a tomar que envolvam o equilíbrio do casal, o equilíbrio pessoal.

Em que medida é preciso ser solidário com aquele que está mais limitado? Ou encorajar o outro a conservar actividades de descontração se nós mesmos já as não praticamos? Ou encontrar um "*modus vivendi*" individual que pode levar os cônjuges para caminhos que os afastam um do outro? Não temos nós também de fazer crescer a nossa vida de oração?

Talvez dar um espaço maior à oração tradicional da Igreja: os salmos e os cânticos do "*Livro das Horas*". A recitação dos salmos inclui virtudes de cura para a alma e para o corpo; relativiza os nossos problemas; mostra-nos atitudes fundamentais: louvor, súplica, confiança, misericórdia, acção de graças.

O sacramento da reconciliação e a Eucaristia também nos são dados, com os belos textos litúrgicos que os acompanham, para nos encorajarem a viver desde já o Reino de Deus. A unção dos doentes é uma ajuda específica da Igreja, oferecida em caso de doença grave e para ultrapassar as enfermidades da velhice. É necessário recorrer a elas nestas eventualidades, inclusivamente avisando o cônjuge para receber este sacramento em caso de doença grave.

## **2. O desprendimento final para uma plenitude**

Se o preâmbulo insiste na ressurreição de Jesus, garantia da nossa ressurreição, é porque o objectivo final deve mobilizar-nos totalmente: veremos Deus, face a face; somos chamados a uma vida de comunhão perfeita com Ele.

Se já perdemos o cônjuge ou um filho, como vivemos esta provação? Que dificuldades permanecem? Mantemos com estes "*ausentes*" relações marcadas pela esperança cristã.

O pensamento da morte tem influência na nossa vida espiritual? Meditamos por vezes na paixão de Jesus? Quais são as atitudes não cristãs perante a morte que podemos ver à nossa volta? Podemos reagir? E como?

Com os nossos filhos e netos, aproveitamos certas ocasiões para lhes dar uma visão cristã da morte? Imaginamos que, para eles, a nossa atitude perante a morte pode ser um último testemunho que os marcará?

*"Se a árvore morre nos ramos, no tronco e nas raízes, pelas sementes vive sem fim nem limite..."* (Jacques Loew).

Humanamente a morte causa medo. Depois de todos os desprendimentos da vida, grandes ou pequenos, ela será o desprendimento final.

O próprio Jesus ficou angustiado ao ponto de se sentir abandonado por seu Pai. "*Meu Deus, porque me abandonaste?*" (Mt 27,46). **Mas disse "*sim*", e assim deu um sentido à morte.**

Mesmo que sintamos solidão e angústia, Jesus estará connosco. E se o nosso cônjuge nos precedeu, estará lá, com a Virgem Maria e todos os Santos.

Ao dizer estas palavras: "*Fazei isto em memória de mim*", Jesus não pede apenas para se reproduzir um rito; convida os seus a seguirem as suas pisadas, a comungar verdadeiramente no seu dom, fazendo-se a si próprios, os servidores uns dos outros, e "*dando a sua vida pelos seus irmãos*" (Eloi Leclere).

*"Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu ressuscitá-lo-ei no último dia"* (Jo 6, 54).

**A Eucaristia**, sacramento que constrói a Igreja e o casal, sacramento da passagem - viático - **é também, o sacramento que une para além da morte. É o amor mais forte do que a morte.**

## **SENHOR, ENSINA-ME A ENVELHECER**

Ajuda-me a reconhecer  
as coisas boas da minha vida,  
dá-me força para aceitar  
as minhas limitações  
cedendo aos outros o meu lugar,  
sem ressentimentos nem recriminações.  
Que eu aceite ir-me desapegando das coisas,  
e veja nisso uma sábia lei da tua Providência  
que regula o tempo e preside à vida das gerações

**Faz, Senhor,**  
que eu seja ainda útil para o mundo,  
com as minhas pequenas tarefas,  
mas sobretudo com o meu testemunho  
de paciência e bondade,  
de serenidade, alegria e paz.

***Dá-me, Senhor, a tua força***  
para enfrentar as contrariedades de cada dia,  
particularmente a doença e a solidão.

Que os últimos anos da minha vida mortal,  
sejam como um pôr de sol feliz,  
na oração e na caridade,  
na compreensão e na esperança,  
que eu saiba envelhecer e morrer  
com a serenidade e a coragem  
com que Tu, Senhor, morreste na Cruz!

Para que um dia possa também ressuscitar  
para a glória do teu e nosso Pai  
e ir ao encontro daqueles  
que partiram antes de mim!  
Ámen.

***"O fim da vida é ainda vida! Há valores que então se realizam e que só nessa altura se podem realizar"***

Romano Guardini

***"O Espírito Santo sopra onde quer: manifesta-se em todas as idades da vida"***



